

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

MARIA PAULA DE CASTRO MOURA

AUTORRETRATOS DESLOCADOS NO TEMPO

São Paulo

2023

MARIA PAULA DE CASTRO MOURA

AUTORRETRATOS DESLOCADOS NO TEMPO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Artes Visuais.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Renata Pedrosa

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

M929a Moura, Maria Paula de Castro, 2001-

Autorretratos : deslocados no tempo / Maria Paula de Castro Moura. --
São Paulo, 2023.
47 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Pedrosa Romeiro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte e fotografia. 2. Pintura - Narrativas pessoais. 3. Autorretratos. 4.
Memória autobiográfica. I. Pedrosa, Renata (Renata Pedrosa Romeiro). II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 704.942

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MARIA PAULA DE CASTRO MOURA

AUTORRETRATOS DESLOCADOS NO TEMPO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Artes Visuais.

Profª. Drª. Renata Pedrosa - Orientadora
Instituto de Artes UNESP

Rafael Aguaio
Mestrando em Poéticas Visuais - ECA USP

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não existiria sem minha família que me proporcionou uma infância digna de ser lembrada e celebrada.

Agradeço, em especial, minha mãe Fernanda que guarda com cuidado as fotografias de família e me permitiu explorar esses registros.

Agradeço também aqueles que fizeram as fotos e, provavelmente, nem imaginavam como seriam valiosas para mim.

Agradeço meus amigos pelo apoio, companhia e incentivo.

Agradeço profundamente a Prof^a Dr^a Renata Pedrosa, pela orientação, acompanhamento e conselhos.

RESUMO

Este trabalho apresenta minha trajetória com a prática do autorretrato e investiga como as memórias recuperadas pela coleção de fotografias da minha família - em especial imagens da minha infância - se tornaram tema da minha produção de pintura durante a graduação no Instituto de Artes da UNESP. Início com as primeiras experiências com autorretrato e pintura, por meio da descoberta das fotos de família, até o momento em que os assuntos se convergem e refletem meu processo poético de transformar registros da minha vida em arte.

Palavras-chave: fotografia; pintura; família; infância; memória; autorretrato.

ABSTRACT

This essay presents my trajectory with the making of self-portraits and investigates how the memories recovered from my family photo collection - images from my childhood in particular - became the subject of my painting works during the graduation at Instituto de Artes UNESP. I start with my first experiences with self-portrait and painting, through the discovery of family photos, until the moment when the subjects converge and then reflect on my poetic process of transforming records of my life into art.

key words: photograph; painting; family; childhood; memory; self-portrait.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. AUTORRETRATO.....	8
3. A CAIXA.....	13
4. POR QUE PINTAR?.....	23
5. O PROCESSO.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

Para essa pesquisa analisei o processo criativo da minha produção pictórica, realizada durante a pandemia (2020-2021) na minha casa em Guaratinguetá, e a partir de 2022 no Instituto de Artes da UNESP. Investiguei o papel da coleção de fotografias de minha família que foram referência para as pinturas, e também a prática de fotografar e montar álbuns por meio de textos como *Sobre Fotografia* (Sontag, 2004), *Fotografia de família: entre objeto de recordação e material para a arte contemporânea* (Lima, 2016), *Memória e Família* (Barros, 1989), entre outros. A partir desta pesquisa, e de reflexões sobre as minhas experiências com o tema e com a pintura, estabeleci relações entre os primeiros autorretratos, passando pelas motivações que me levaram a produzi-los e finalizei com reflexões sobre a prática de pintura que desenvolvi ao longo da graduação.

O texto está estruturado em quatro capítulos que discorrem sobre o primeiro contato com a atividade do autorretrato, até as produções mais recentes. A organização dos capítulos obedece, à medida do possível, a cronologia dos acontecimentos que levaram ao desenvolvimento de uma poética visual focada, principalmente, na reprodução de retratos de família. O primeiro capítulo, *Autorretrato*, aborda minhas experiências iniciais com o autorretrato deslocado no tempo, lembrando, em especial, atividades escolares. Depois, em *A Caixa*, relato a descoberta da coleção de fotos e as pesquisas e reflexões teóricas sobre fotografia e álbum de família. No capítulo, *Por Que Pintar?*, busco desvelar minhas motivações e desejos sobre a pintura de retratos; e, finalmente, *O Processo* trata dos procedimentos da pintura, onde apresento o uso que faço da tinta a óleo, além de descrever com detalhes as produções recentes.

2. AUTORRETRATO

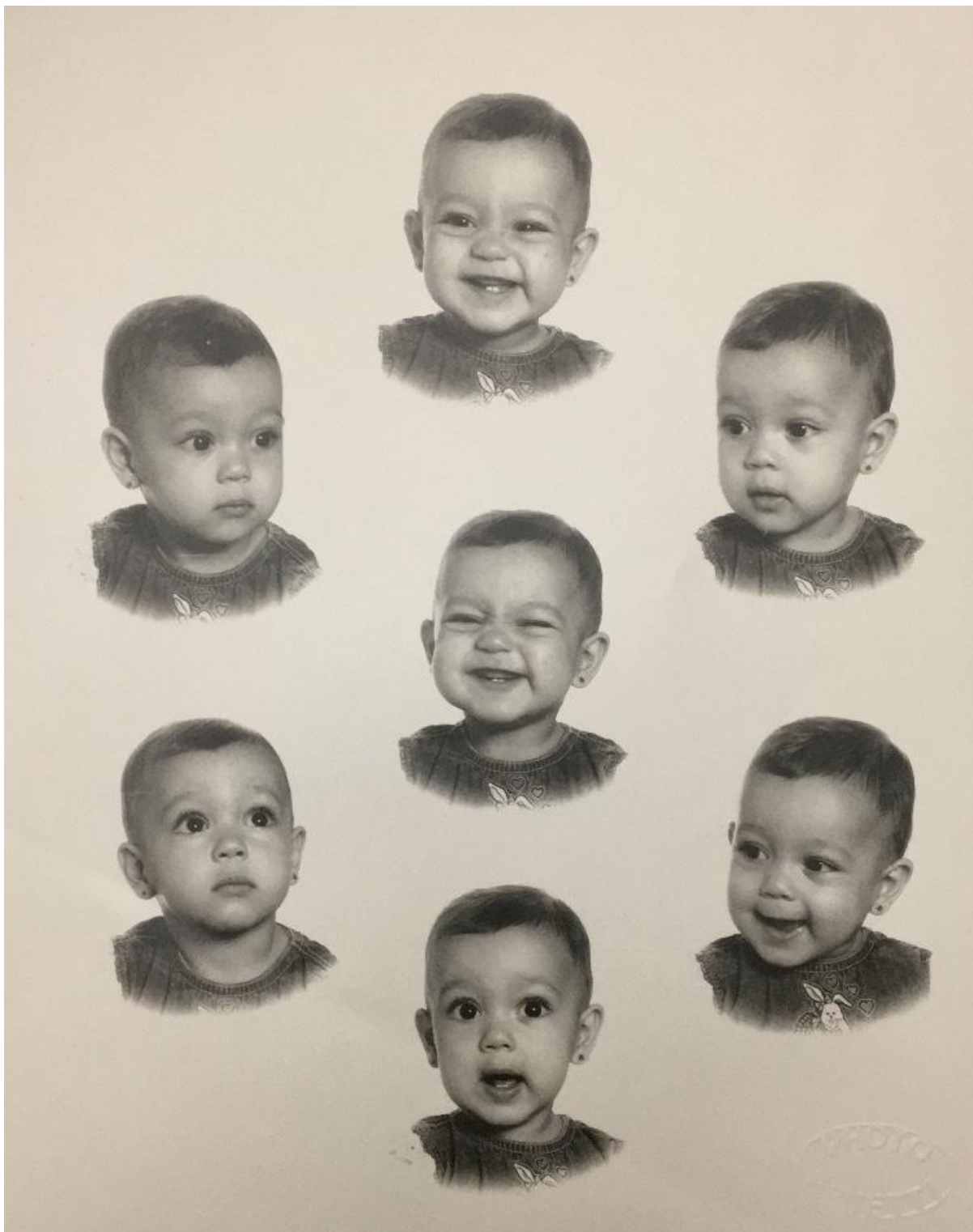


Imagem 1 - Fotomontagem, 2001

Fonte: Arquivo pessoal

Era 2015, na aula de artes do ensino fundamental, a professora sugeriu uma atividade: fazer um autorretrato¹. Eu estava confiante com as minhas habilidades de desenho, mas por algum motivo, que na época não era claro, não quis me representar aos 14 anos, a idade que tinha naquele ano. Lembrei, então, que na casa de minha avó materna existia um porta retrato na estante da sala, tratava-se de uma série de fotografias minhas aos nove meses de idade, uma fotomontagem feita por um fotógrafo amigo de minha mãe (Imagem 1). Esta era uma foto que me interessava, eu olhava com curiosidade aquela imagem que me retratava no começo da vida. Decidi, então, fazer a atividade da escola a partir de um daqueles retratos. Fiz um registro digital dessa fotografia e, a partir dela, a tarefa escolar. Alguns anos antes, em 2013, eu havia participado de um curso de artes no ateliê do artista Gilberto Gomes², onde, por aproximadamente seis meses, me ensinou técnicas de desenho e na outra metade do ano, princípios básicos da pintura a óleo (Imagem 2). Essa experiência, apesar de breve, me proporcionou novos conhecimentos, um contato com as técnicas e os materiais artísticos, que foram aplicados nas atividades das aulas de artes nos anos seguintes.

Para criar o autorretrato, me recorde de ter utilizado uma técnica, que aprendi no curso do Gilberto Gomes, para reproduzir a proporção facial. A partir da fotografia digital, fiz o desenho com lápis grafite de diferentes durezas, sombreando com auxílio do esfuminho - ferramenta que me foi apresentada pelo artista - sobre uma folha A4. O resultado foi um retrato realista, elogiado pela professora e por colegas, o que na época me deixou muito orgulhosa³. Essa foi a primeira vez que fiz um trabalho artístico com imagens da minha

¹Os autorretratos estão presentes há tempos na história da arte, de forma recorrente. Tradicionalmente, se trata de uma representação que o artista faz de si mesmo no momento em que faz a pintura, geralmente, executado com auxílio de espelhos ou fotografias recentes, nas mais variadas técnicas e estilos. Destaca-se, pelo grande número de produções, o pintor holandês Rembrandt van Rijn (1606-1669); Gombrich, no livro *História da Arte* (LTC, 2015, p.420-422) comenta: "ele nos legou um espantoso registro de sua própria vida em uma série de autorretratos que vão desde os tempos de juventude, quando era um mestre vitorioso e mesmo muito em voga, até a velhice inquebrantável de um homem realmente grande cuja face refletia a tragédia da bancarrota. Todos esses retratos se combinam numa incomparável autobiografia." E ainda ressalta a sinceridade no fazer do artista: "Não era um belo rosto, e Rembrandt nunca tentou, supomos, esconder sua fealdade. Observou-se num espelho absolutamente sincero. E, por causa dessa sinceridade depressa esquecemos as indagações sobre beleza ou feiura. Temos, diante de nós, o rosto de um ser humano real. Não há qualquer sinal de pose, nenhum indício de vaidade, apenas o olhar penetrante de um pintor que examina atentamente suas próprias feições, sempre disposto a aprender mais e mais sobre os segredos do rosto humano."

²Gilberto Gomes (1955 - 2016) foi pintor, gravador, desenhista, escultor e restaurador. Nasceu em Aparecida-SP, cidade vizinha de Guaratinguetá, onde mais tarde montou um ateliê para produzir e dar aulas.

³Nessa época de minha vida, eu e as pessoas ao meu redor, tanto na família, quanto na escola, viam o realismo como a melhor manifestação artística. Pelos hábitos culturais dos meus familiares, e por ter crescido no interior do estado, não tive contato com arte contemporânea e, na escola, se valorizava a habilidade de representar o mundo da forma mais realista possível, o que ainda é muito presente, fora da restrita esfera dos "entendidos" de arte.

infância, com fotografias de família. Hoje, este é o principal tema do meu trabalho de conclusão de curso.

O exercício de autorretrato foi realizado quando eu estava no último ano do ensino fundamental, mas, nos anos seguintes, a arte e a fotografia de família foram menos presentes na minha vida. Como cursei o ensino médio em um colégio técnico, passava o dia inteiro na escola e os desenhos eram mais uma forma de distração, feitos nas margens dos cadernos ou em folhas avulsas que acabavam sendo descartadas. Naquela época, comecei a pintar aquarelas, a partir de tutoriais da internet, experimentando com os materiais, representava personagens, paisagens, entre outras coisas, frequentemente usando imagens disponíveis nas redes sociais como referência. Em 2018, prestei o vestibular para artes visuais, comprei um *sketchbook*, e passei a desenhar no meu tempo livre com intuito de treinar para a prova de habilidades específicas. O caderno era cheio de referências à cultura *pop*, além de exercícios para treinar anatomia e desenhos de observação.

Na graduação, o tema da infância ressurgiu em uma aula de desenho, logo no primeiro semestre, quando o professor pediu que fizesse um autorretrato. E, assim como aconteceu quatro anos antes, decidi me retratar a partir de uma foto da minha infância. Dessa vez, as minhas motivações já eram mais claras, eu queria fazer referência àquela atividade escolar e também trazer o tema da infância. Isso porque, durante os anos do ensino médio, descobri uma coleção de fotografias que minha mãe guardava e fiquei fascinada pelos registros da minha infância, pelos sentimentos que eles despertavam. Percebi, nesse conjunto de imagens, a possibilidade de rememorar aquelas lembranças, transformá-las em algo mais. A fotografia que usei como referência para a atividade de desenho estava junto com outras dezenas, dentro de uma caixa onde ficavam armazenadas. Fiz o desenho a lápis em uma folha A4, tecnicamente muito parecido com aquele que havia feito quatro anos antes (Imagem 3). Depois dessa experiência, tive a certeza de que desejava trabalhar com esse tema, com fotografias de família⁴, especificamente aquelas que registravam cenas da minha infância. Decidi levá-las para a tela como uma forma de recuperar as memórias que ficavam escondidas dentro de uma caixa.

⁴O gênero fotografia de família foi e ainda é inspiração para diversos artistas, como Sally Mann (1951), Emmet Gowin (1941), Eustáquio Neves (1955), Rosângela Rennó (1962), Aline Motta (1974), Moara Tupinambá (1983), Rosana Paulino (1967), entres outros.



Imagem 2 - Primeiro dia no Ateliê Gilberto Gomes, 2013

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 3 - Autorretrato para a aula de desenho, 2019

Fonte: Arquivo pessoal

3. A CAIXA

Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma — um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão. Pouco importam as atividades fotografadas, contanto que as fotos sejam tiradas e estimadas.

(Sontag, 2004, p. 11)



Imagem 4 - Meu pai, Celso, minha mãe, Fernanda, e eu em um passeio em 2001

Fonte: Arquivo pessoal

Não sei quando eu descobri a caixa. Talvez tenha sempre sabido da existência dela. A caixa fica no mezanino da minha casa em Guaratinguetá, casa em que vivi desde que nasci. A caixa é onde minha mãe guarda as fotografias de família, fotos antigas que ela herdou de algum parente, fotos da infância dela e de meu pai, do casamento deles, e em maior quantidade, fotos minhas e de minha irmã, desde o primeiro dia de vida.

São muitas fotografias, a maior parte delas fica solta dentro da caixa, sem nenhum tipo de hierarquia ou organização. Ao lado da caixa, estão alguns álbuns de fotos: uns de minha mãe, com fotos da infância dela, retratando batizado, formatura, casamento com meu pai; também estão lá os álbuns do meu nascimento e de uma festa de aniversário, e o mesmo para minha irmã. A caixa também continha alguns álbuns menores, com recipientes plásticos comumente usados pelas lojas de revelação analógica. Diferente dos álbuns maiores, nestes não há seleção, as fotos estão dispostas na sequência em que foram tiradas. Geralmente, esses pequenos álbuns contêm registros de um único evento ou de eventos retratados por um curto período de tempo. É fácil perceber padrões nesses conjuntos ordenados e até mesmo nas fotografias soltas sem organização. Os temas se repetem ao longo dos anos, nesse grande conjunto de fotografias guardado por minha mãe: festas de aniversário, festas de fim de ano, viagens, casamentos, apresentações de escola, formaturas, festas de carnaval, batizados, além de momentos cotidianos em casa com a família (Lima, 2016).

São raras as fotos que não retratam crianças, figuras que sintetizam a imagem de família, elas são muitas vezes a motivação para a imagem ser registrada, de acordo com Barros:

A criança, mais que qualquer outra personagem, sintetiza na sua imagem a imagem da família. Das poses demoradas das fotos antigas às tentativas modernas de captura do instantâneo das emoções, a criança aparece sempre como um marco de referência familiar. É ela o centro e a razão de ser da família. Através dela, fala-se de tradição e de renovação, de laços de sangue e de afeto.

(Barros, 1989, p. 40)

Seja posada ou espontânea, a fotografia de crianças revela as relações entre os membros da família e conta sobre sua rotina e tradições, por isso elas ocupam um lugar de centralidade (Imagem 6), “O olhar de quem segura o pequeno bebê não se dirige para o fotógrafo. Seu rosto volta-se para a criança, retirando de si toda a importância [...]” (Barros, 1989, p. 40) .

Assim, como na maioria dos registros de família, são fotos amadoras. O ato de capturar um instante é mais relevante que a técnica fotográfica, por isso, em algumas fotos existem “erros”, borrões, desfoques, um dedo obstruindo a lente, etc (Imagem 8). Não são os

parâmetros técnicos que dão valor à fotografia, mas a decisão de fazer a foto e o que está registrado nela, as pessoas presentes, os momentos de afeto com quem amamos, como afirma Sontag (2004, p. 21), “Fotografar é atribuir importância”.

A caixa contém não só imagens que foram reveladas de filmes fotográficos, mas também imagens capturadas por uma câmera digital que pertencia à minha mãe, sendo uma pequena parte fotos mais recentes, tiradas com a câmera do celular, que foram posteriormente ampliadas. Além de fotografias no tamanho padrão, 10 x 15 cm, a caixa também guarda algumas de outras dimensões, outras cores, como preto e branco ou sépia, com bordas, fotografias 3x4, monóculos, cartões de aniversário e até alguns documentos antigos, como carteirinhas de escola.

Hoje em dia as câmeras, mais do que nunca, acompanham nosso cotidiano (Sontag, 2004), mas a relação com a fotografia que temos agora é diferente daquela de anos atrás, quando a internet e, principalmente, as redes sociais não existiam, ou não eram tão presentes. Quem tinha acesso às fotos de família eram parentes, amigos. Pegar um álbum para ver, abrir a caixa com fotos, era um momento especial, uma oportunidade para compartilhar histórias e, por alguns instantes, reviver o passado no presente (Lima, 2016). Algumas narrativas que ouvi sobre minha família provavelmente não teriam sido mencionadas se não contassem com o apoio das imagens que rememoraram tais lembranças.

A primeira vez que me lembro de ter visto estes registros de família foi durante uma limpeza no mezanino de casa, quando minha mãe pediu para ajudá-la com a organização e, em algum momento, me distraí com o conteúdo de uma caixa, a caixa de fotos. Me fascinei por aquelas imagens que guardavam narrativas (Barros, 1989), como se fossem um acesso ao passado que eu queria alcançar (Sant’anna, 2010). Lembro, quase que nitidamente, das sensações que senti quando vi aquelas fotografias, aquelas imagens da minha infância, momentos que foram esquecidos, mas que aqueles registros resgataram. Era possível lembrar das texturas de roupas, dos cheiros de lugares e de objetos, das emoções que eu estava sentindo na ocasião capturada. Provavelmente, minha mãe já tinha mostrado algumas fotos antes, mas naquele momento, diante de tal quantidade de imagens, mexeram comigo, na época com 15 anos de idade. Fotografias dos meus pais mais jovens me emocionaram, registros de familiares que não conheci despertaram certa melancolia, e aquelas cenas da minha infância acalentaram meu coração. Consequentemente, surgiu em mim um desejo de preservar esses sentimentos. Só percebi na graduação o quanto me sentia cativada por aquelas imagens e, mesmo que inconscientemente, sentia necessidade de transformá-las em algo além de registros fotográficos pouco acessados.

Sempre que lembrava e tinha tempo, dava uma olhadinha na caixa, chamava minha mãe e meu pai para verem juntos, na esperança de que eles contassem as histórias por trás de alguns dos registros. Alguns detalhes daquelas memórias só poderiam ser lembrados nessa ação de observar as imagens em conjunto, compartilhando o momento. O mesmo acontecia quando eu mostrava para minha irmã nossas fotos antigas, brincando, fazendo careta, as sensações eram revividas tão intensamente que a gente chorava de rir. Mas às vezes a lágrima que escorria era de tristeza, ou saudade. Fotografias dos meus pais com os pais deles, do meu avô paterno, que faleceu quando eu ainda era criança, ou da minha avó, mãe de meu pai, que infelizmente não cheguei a conhecer, me tocavam e despertavam curiosidade. Desejava que as fotos me revelassem como eram essas pessoas que não conheci, mas que são importantes para a minha história. A partir das fotos, comecei a refletir mais sobre as pessoas que vieram antes de mim, pessoas que já se foram, que eram amadas por quem eu amo, pessoas que eu não tenho mais contato. Desse modo, ao acessar esse acervo pessoal, me sensibilizei por esses processos de rememoração e das vidas que me antecederam.

O álbum de família não cessa de ser um objeto de veneração, cuidado, conservado como uma múmia, guardado numa caixinha [...] só se abre com emoção, numa espécie de cerimonial vagamente religioso, como se se tratasse de convocar os espíritos. (Dubois apud Sant'anna, 2010, p. 8)



Imagem 5 - Em casa, 2001

Fonte: Arquivo pessoal

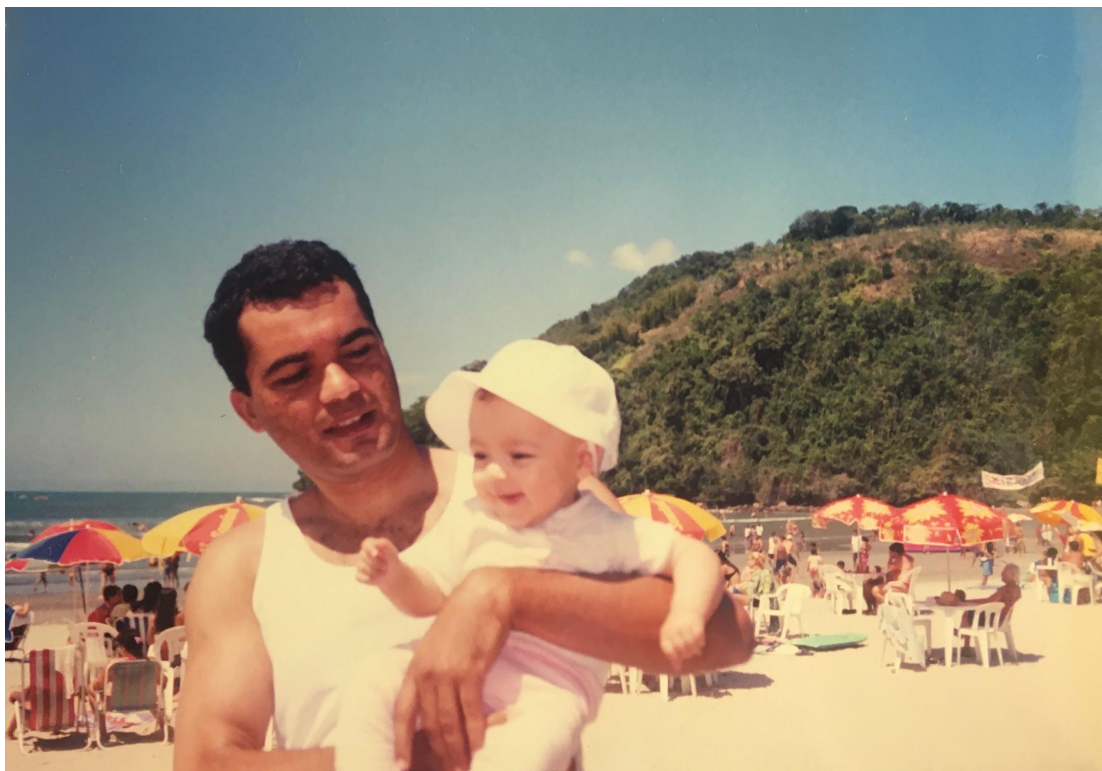


Imagem 6 - Ubatuba, 2001

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 7 - Apresentação na festa junina da escola, 2006

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 8 - No quintal dos meus avós maternos, Margarida e Paulo

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 9 - Meus pais no carnaval de 1999

Fonte: Arquivo pessoal

Se se pode traçar pela foto um trajeto de volta ao passado e reconstruí-lo no presente é porque se acredita que a foto traz a veracidade desta memória. Histórias de vida ou trajetórias de família são construídas porque está disponível a documentação que as confirma. Diante da foto-documento, espera-se daqueles que presenciaram o momento familiar, cristalizado na foto, o apoio na decifração de um passado e o resgate deste passado através da lembrança de emoções e sentimentos despertados pela imagem. (Barros, 1989, p. 39)



Imagens 10 e 11 - Meu pai e minha vó Lourdes; minha mãe no dia do casamento
Fonte: Arquivo pessoal

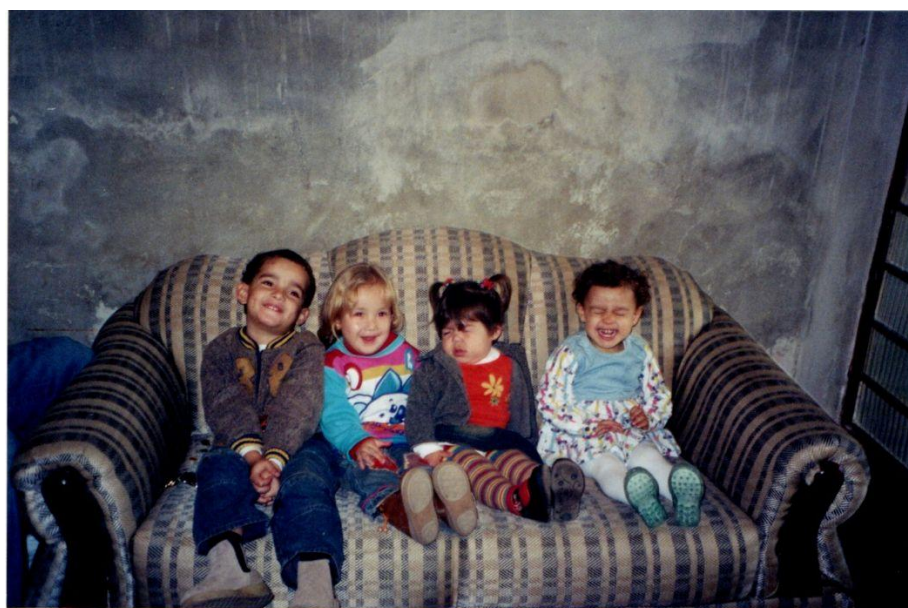


Imagem 12 - Os primos: Thiago, Giovanna, Yasmim e eu
Fonte: Arquivo pessoal



Imagens 13 e 14 - Meu bisavô Paulo no desfile de carnaval; meu pai, meu avô, Affonso e eu no colo.

Fonte: Arquivo pessoal

Assim como o fascínio exercido pelas fotos é um lembrete da morte, é também um convite ao sentimentalismo. As fotos transformam o passado no objeto de um olhar afetuoso [...]. (Sontag, 2004, p. 44)

4. POR QUE PINTAR?

Para Benjamin a mão que escreve desenterra, mas não só. Ele encontra no exercício de contar uma tarefa semelhante. E lá onde a voz falha, outras artes têm lugar através das mãos. Por isso, escavar, tecer, pintar, colar, colecionar, em tudo se equivalem a uma arte manual, ligada à escrita e esta por sua vez ao conto. O contador de histórias desenterra as histórias impedindo-as de ficarem cobertas pelo tempo, pelo silêncio, pelo esquecimento. E é assim que ele traz à tona uma experiência transmissível e que através dele encontra na linguagem a ação.

(Pinto, 2019, p.54)

Quando fiz o segundo exercício de autorretrato, já na universidade, ainda estava me adaptando às mudanças que o ingresso no Instituto de Artes da UNESP representaram naquele momento: ter que sair de casa, do interior do estado, e vir para a capital estudar, uma cidade estranha, onde não conhecia ninguém. Ficar longe da minha família e morar sozinha me fez pensar mais na relação com meus parentes, assim, as fotos se tornaram ainda mais importantes porque surgiram novas relações entre aquele eu do presente e aquelas lembranças do passado. A nostalgia, o desejo de retornar no tempo, aumentaram significativamente.

Na graduação, então, logo surgiu o desejo de transformar algumas fotografias em pinturas. Em decorrência da pandemia, as aulas de pintura aconteceram de forma *online*, eu estava na minha casa em Guaratinguetá e montei um pequeno espaço para pintar no mezanino, próximo de onde ficavam os álbuns e a caixa de fotos. Depois de anos sem usar tinta óleo, voltei para essa mídia, comprei algumas telas e comecei a pintar. Eu sabia o que eu queria fazer, o tema que eu queria retratar, mas não me sentia segura com minhas habilidades artísticas. Comecei pintando a partir de fotos da internet e pela primeira vez fiz um retrato; fiquei feliz com o resultado dessa experiência, mas não me senti realizada com o assunto, era uma imagem que não tinha nenhuma conexão comigo. Percebi que desejava pintar um tema que eu conhecia, que se relacionava com a minha história, com quem sou e com o que desejo dialogar. Então, finalmente, fiz meu primeiro trabalho em tela baseado em uma foto de família, uma imagem de minha mãe segurando minha irmã ainda bebê no colo (Imagem 15). O resultado me agradou, não estava totalmente satisfeita com as questões técnicas da pintura, mas me senti motivada a continuar retratando imagens da minha infância - foi a primeira vez que pinte algo que tinha um significado real para mim. Presenteei a minha mãe com essa pintura, e nesse gesto encontrei mais um sentido para o que fazia, dar as pinturas de presente para quem amo se tornou um hábito e uma razão para produzir.



Imagem 15 - Sem Título, 2020, óleo sobre tela 30x20cm

Fonte: Arquivo pessoal

O acesso à caixa de fotos possibilitou me conhecer melhor, conhecer melhor meus familiares, e reviver algumas memórias que não podia deixar que fossem esquecidas. A pintura foi o meio que encontrei para fazer isso. Era também uma maneira de me expressar que já conhecia e tinha prazer em realizar. A pintura surge para mim como um dispositivo que facilita o ato de lembrar (Lima, 2016), uma vez que, durante o ato de pintar, o olhar é mais atento, os detalhes trazem as recordações, que agora serão relembradas toda vez que olho para a tela. “A experiência de ver pinturas pode ajudar-nos a ver melhor as fotos” (Sontag, 2004, p. 82), o olhar tem mais cuidado e atenção - percebe melhor as nuances de cores, as texturas, etc - esse processo também acontece com as fotografias no contexto em que elas são referências para pinturas, passo a enxergá-las de forma diferente - o olhar se estende, é mais demorado - comparado com quando eu as interpretava como imagens em si mesmas. Dessa forma, ao fazer pinturas criei imagens que permanecem mais tempo na memória (Pinto, 2019).

As fotografias, transformadas em pinturas, funcionam como uma reafirmação da própria identidade no contexto familiar, uma confirmação das vivências registradas (Barros, 1989). Talvez, por este motivo, continuo pintando esse tema até hoje, mas minhas interpretações e motivos se transformaram. O que antes eu pintava apenas por prazer e diversão, sem muita reflexão sobre o processo e as motivações, hoje vai muito além, compreendo melhor o valor do meu trabalho e o vejo como uma jornada de autoconhecimento. Quando comecei a pintar esse tema, achei que ele teria importância e faria sentido apenas para mim e minha família, mas, ao longo do tempo, percebi que algumas pessoas não só gostavam do meu jeito de pintar como também se relacionavam com as cenas.

Assim como a fotografia é capaz de ativar a memória (Lima, 2016), a pintura também é. Pintando registros da minha infância despertei memórias dormentes, criei novas lembranças e, mesmo sendo sobre minha vida, minhas pinturas retratam cenas comuns na vida de outras pessoas e são capazes de suscitar sentimentos e recordações da infância delas: “A imagem íntima tem o poder de nos atingir e de nos transportar para aquelas mesmas situações em que a fotografia foi feita.” (Lima, 2016, p.85). As pessoas se deparam com imagens da intimidade de minha família e são convidadas a visitar suas próprias recordações.

As cenas pintadas são memórias afetivas de minha família e, ao mesmo tempo, uma memória coletiva, tanto pela situação retratada, que muitas vezes são experiências universais, como pelos objetos e modo de se vestir que se referem a outro tempo. Ao expor minhas pinturas, recebi alguns comentários sobre essas identificações, um brinqueado que a pessoa teve e não lembrava, um hábito esquecido, uma lembrança específica revisitada com detalhes

(Cruz, 2011). A bagagem do espectador que observa a pintura permite que ele tenha esta ou aquela interpretação (Brasil, 2011), e essa troca, que aconteceu quando expus minhas telas pela primeira vez, fez com que eu percebesse novas possibilidades de leituras.

Escolhi pintar essa época de minha vida pela inocência e sinceridade das ações das crianças, as cenas registradas durante minha infância me fazem querer, de alguma maneira, voltar para aquele tempo. As crianças são figuras simbólicas da família, parte importante da sociedade, mas que historicamente foram consideradas figurantes nas análises sociais (Cunha, 2013). Quis colocá-las como protagonistas das pinturas porque acredito que esse período de nossas vidas é determinante para formação de nossas personalidades, gostos e escolhas. Para mim, a infância foi um momento muito especial, uma época muito feliz, e eu quis trazer isso para a minha vida adulta, sempre lembrar daquela pessoa que era, dos sentimentos, da visão de mundo. Além de autorretratos, também decidi pintar outras crianças: minha irmã e primos que viveram essa época junto comigo. De certa forma, todas as pinturas são autobiográficas, autorretratos deslocados no tempo⁵.

Ao olhar para as fotos, sentia saudade daquele tempo, gratidão por ter vivido anos tão felizes e vontade de experienciar tudo de novo. Esses sentimentos perduram até hoje, principalmente em momentos de dificuldade e de grande responsabilidade, quando tais imagens causam um emaranhado de emoções. Sinto falta da espontaneidade e ingenuidade da infância, quando meus pais estavam sempre por perto, quando meus problemas eram simples de serem resolvidos, as preocupações - se analisadas pela visão de um adulto - eram bobas. E, num movimento para escapar da complexidade do momento atual e experienciar essa simplicidade infantil de novo, comecei a fazer desenhos e pinturas a partir de fotografias que selecionei.

A pintura traz consigo a ação da escolha, tenho que selecionar o que acho relevante ser pintado, diferente da fotografia que, especialmente nos dias de hoje, não exige essa escolha, uma vez que a tecnologia nos permite registrar infinitas imagens. Além desse aspecto, ao longo da minha prática de pintura, percebi que um ponto relevante para o exercício era a possibilidade de me libertar da tarefa tradicional de representar o real. Perceber que as pinturas que faço sempre serão menos realistas que as imagens que servem como referência, me permitiu experimentar mais, explorar as possibilidades durante a manufatura do quadro. Assim, ao transformar a foto em pintura, crio uma nova relação com a imagem, altero sua aparência; meu interesse não é um realismo fotográfico, mas escolher o

⁵Um autorretrato deslocado no tempo acaba contradizendo o conceito tradicional de autorretrato, comentado na nota 1

que eu acho essencial naquela imagem e transformá-la em outra, mais envolvente, que traz uma relação diferente com o volume e a escala, capazes de gerar uma empatia em outro patamar, diferente daquele experienciado pelo espectador que vê uma fotografia. E não só o espectador, mas a minha relação com a imagem também muda e esse foi um dos motivos para querer pintar; o ato de observar e me dedicar às fotos, de lembrar com mais clareza de alguma época da minha vida, a partir do desenho, é o meu principal objetivo porque, nesses momentos, quando fixo minha atenção, é como se, por um instante, eu voltasse no tempo e experienciasse de novo todas aquelas lembranças.



Imagem 16 - Hora de ir embora, 2021, óleo sobre tela 20x30cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 17 - Aniversário da moranguinho, 2021, óleo sobre tela 30x40cm

Fonte: Arquivo pessoal

5. O PROCESSO

O meu processo de pintura começa pela seleção de uma fotografia, e para isso utilizo alguns critérios, parâmetros que surgiram ao longo da prática. A coleção de fotos de família é grande e diversa, mas desde o começo eu decidi que pintaria as fotos em que aparecem crianças ou que representam fortemente algum aspecto da minha infância, o que já reduz as possibilidades de imagens disponíveis nos guardados de família. A relação afetiva com a cena capturada, sempre foi um fator importante para a escolha, mas no início selecionava imagens principalmente porque gostava da composição, da expressão de quem aparece, e também das poses, preferia que não fossem muito elaboradas, que a perspectiva não fosse tão difícil de reproduzir. Com o tempo e a prática, a dificuldade da pose perdeu importância e outros fatores entraram em conta, como as cores e objetos que aparecem na fotografia e, principalmente, minha relação com a lembrança registrada. Quem aparece nos registros, também é um fator importante, comecei pintando uma foto da minha mãe com a minha irmã (Imagem 18), depois produzi mais autorretratos e cenas em que aparecem minha irmã e eu.

O primeiro passo é escolher a foto, em seguida decido o tamanho da tela onde será feita a pintura. Meus trabalhos são de pequeno formato, apenas uma das pinturas que fiz passa dos 40x50cm, trata-se um retrato de corpo inteiro de minha irmã (Imagem 23). Para escolher o tamanho e as proporções da tela, levo em consideração a composição na fotografia, que aspectos quero destacar, a orientação da imagem - retrato ou paisagem -, o tamanho e proporção dos detalhes e a importância que quero dar para cada um deles. Algumas pinturas pedem telas maiores, outras se encaixam no formato menor, mas vou aprendendo isso com a prática, com as tentativas e erros.

Quando fiz o curso de desenho e pintura, que citei no primeiro capítulo, aprendi um método de pintura a óleo que me acompanha até hoje, apesar das minhas tentativas de romper com este procedimento. Antes de começar a pintura de fato, faço o esboço na tela com um lápis, tentando dar forma para a composição, acertando as proporções e localizando cada objeto na tela. Em seguida, apago levemente o desenho para que o grafite não apareça através da tinta. Em algumas pinturas, me permiti experimentar e fiz o desenho inicial utilizando pincel e tinta óleo diluída, para que os traços ficassem mais soltos, despreocupados.

Depois de fazer um esboço, tem início o momento da pintura, a parte mais prazerosa, mas que também pode ser a mais frustrante. Tento decidir o que e como fazer: me demorar nos detalhes ou fazer uma pintura mais livre⁶? Trabalhar com mais ou menos tinta? Mais ou menos

⁶No capítulo sobre Impressionismo no livro *Arte Moderna* (Argan, 1992. p.76), Argan chama de “técnica rápida e sem retoques”.

pinceladas? Antes de ir pra tela, imagino a pintura pronta, observo essa imagem “ideal” e as características dela, e então começo a trabalhar. Utilizo tinta óleo sem diluição, gosto da tinta bem densa, que permite ver a marca do pincel na tela. Normalmente, as cores que utilizo na minha paleta são claras e vibrantes e para obtê-las eu gosto de misturar as tintas utilizando teoria das cores, sem usar o preto para escurecer cores na sombra. Trabalho principalmente com branco titânio, sombra queimada (*burnt umber*), amarelo cromo, vermelho cádmio escuro, azul ultramar e amarelo ocre. Quando estava no curso de pintura, costumava usar as cores diretas do tubo, mas quando fui desenvolvendo meu trabalho preferi fazer minhas próprias misturas, usando as cores puras apenas em situações específicas.

As cores são parte importante das minhas pinturas, as telas sempre têm um toque de cor primária, rosa ou roxo e geralmente possuem uma paleta de cores bem semelhante. Não sigo o realismo da fotografia, não me restrinjo às cores dela. Me dou a liberdade de inventar, mudar as cores dos objetos, a direção da luz, o fundo da cena. Não me preocupo em retratar a suposta realidade que aparece na foto. A partir das cores, tento romper com o naturalismo, por exemplo, mudando tons de pele para cores que não aparecem na imagem, mas que agora compõem a pintura (Imagem 24).

Habitualmente começo a pintura pelo último plano, gosto de trabalhar com um fundo chapado, de cor sólida, às vezes com uma camada fina de tinta (imagem 23), uniformemente aplicada, outras vezes bem empastada, dando ênfase às marcas do pincel (imagem 20). Porém, também faço o fundo da cena, em algumas pinturas, quando acho relevante para a composição e a narrativa, ou quando trata-se de um aspecto importante para a escolha da fotografia. É a parte em que mais me desprendo do realismo, não faço questão de reproduzir o que foi capturado pela lente da câmera. Em seguida, parto para os objetos e as vestimentas e, por último, trabalho na fisionomia dos rostos e na conformação dos corpos (Imagem 22).

Apesar de persistir no mesmo tema, as pinturas se diferem em questões formais; crio séries nas quais consigo experimentar diferentes jeitos de retratar, de usar a tinta, de combinar cores, etc. Em alguns trabalhos, desenho as pessoas de forma mais naturalista e delicada, em outros, faço um traço mais cartunesco, por exemplo. Também faço essa estilização a partir do uso das cores e da variação de estilos na mesma composição; o resultado se assemelha a uma colagem, como na Imagem 25, onde é evidente a diferença do acabamento da fisionomia da criança, da vestimenta e do carrossel.

A última parte a ser pintada são as laterais da tela, que considero tão relevantes quanto a parte da frente e, por isso, gosto de trabalhar nelas. Em algumas, passo uma camada de tinta de cor mais neutra, que não cause muita distração, já em outras, faço desenhos que se relacionam

com o tema da pintura (Imagens 21 e 27) ou experimento com as cores que a compõem (Imagem 26), explorando a tridimensionalidade do chassis. Não trato as bordas apenas como um prolongamento da superfície da pintura, mas como outra dimensão a ser observada pelo espectador. Quando uma pintura ainda não foi trabalhada nas laterais, considero que não estão finalizadas ou prontas para serem expostas, sinto que elas precisam de um acabamento, que pinte essas partes que só têm manchas e marcas decorrentes da fatura na superfície da tela .

Imagem 18 - Minha mãe e minha irmã, Ana Luisa. Foto que foi referência para a primeira pintura da série



Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 19 - Tela pintada durante o curso de pintura em 2013

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 20 - Detalhe da pintura Sem Título, 2023, óleo sobre tela, 40x50cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 21 - Detalhe da pintura Hora de ir embora, 2021, óleo sobre tela 20x30cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 22 - Processo da pintura Sem Título, 2023, óleo sobre tela, 30x40cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 23 - Sem Título, 2022, óleo sobre tela, 70x50cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 24 - Detalhe da pintura Banho, 2021, óleo sobre tela, 40x50cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 25 - Carrossel, 2022, óleo sobre tela, 30x40cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 26 - Detalhe da pintura Playground II, 2022, óleo sobre tela, 24x30cm

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 27 - Detalhe da pintura Carrossel, 2022, óleo sobre tela, 30x40cm

Fonte: Arquivo pessoal

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de 2022, na graduação, fui estimulada a refletir sobre a minha produção artística e sobre a relação que esta produção estabelece com a minha história de vida e com a arte, em sentido mais amplo. Durante esse processo, decidi que faria meu trabalho de conclusão sobre as pinturas que realizei entre 2020 e o ano presente. É uma tarefa desafiadora tentar discorrer sobre o próprio trabalho, relatar fatos da intimidade, como a descoberta da coleção de fotos de família e, depois, desvelar o processo de transposição das imagens para as pinturas, sem deixar de evidenciar que tudo acontece consciente e inconscientemente, ao mesmo tempo. Ao buscar as motivações do tema das pinturas, encontrei sentido em memórias que estavam esquecidas e, quanto mais eu me debruçava sobre elas, mais claro ficava o caminho que me trouxe até aqui.

A elaboração deste trabalho me permitiu compreender a minha trajetória com o autorretrato deslocado no tempo. Durante a pesquisa percebi que a primeira tentativa de pintar um autorretrato aconteceu há quase 10 anos - uma prática que despertou um desejo que foi deixado de lado durante os anos escolares, mas que ganhou força e amplitude na faculdade. Apesar de não ter absoluta clareza do porquê pintar registros da minha infância, a partir das leituras compreendi como as fotografias de família nos afetam, porque elas são feitas, quais suas particularidades e a importância das crianças nelas, além de compreender a fotografia em contraposição com a pintura.

O texto refaz esse percurso, começando pela minha primeira experiência com autorretrato a partir de uma foto antiga, lembrando minha vivência no Ateliê Gilberto Gomes, passando pela mesma atividade na faculdade, quando intencionalmente tratei do tema da infância. Depois, explorei o conteúdo da caixa onde ficam as fotografias de família, me apoiando em vários autores que trataram desse assunto e abarcando minha experiência pessoal. Ainda, discuti as motivações para transformar os registros fotográficos em pintura, chegando a conclusão que se trata da necessidade de não deixar que as memórias fossem esquecidas e da vontade de reviver a criança que permanece em mim. Conclui que estava produzindo autorretratos que não se encaixavam na definição tradicional presente na história da arte, dado que são deslocados no tempo: a criança que aparece nas fotos e pinturas não sou eu, mas um dia foi, e o que faço é justamente uma tentativa de revisitar essa época. Por último, apresentei o meu processo de criação, desde a escolha das fotografias, até a execução das pinturas, tentando detalhar todas as etapas - um exercício desafiador de analisar formalmente meus próprios trabalhos.

Meu interesse pelos registros de família e pela infância não se esgota aqui, desejo continuar a prática de pintura abordando esses assuntos e investigando a memória, o deslocamento no tempo, as lembranças de infância que, apesar de serem íntimas e particulares minhas, tocam questões universais. Também, espero continuar experimentando procedimentos de transposição da fotografia para a pintura, explorando maneiras de representação da figura humana, dos planos e perspectivas, além da possibilidade de expandir minha pesquisa para outras linguagens artísticas.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2277>. Acesso em: 4 out. 2023.

BRASIL, Luísa Kuhl. Tempos modernos: fotografia e imaginário social. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 37-48, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2401>. Acesso em: 4 out. 2023.

CUNHA, L. de L. e. Os clássicos da “literatura” sociológica infantil: as crianças e a infância de acordo com Marx, Weber, Durkheim e Mauss. **Plural**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 83-98, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74416>. Acesso em: 21 ago. 2023.

CRUZ, N. V. e. Fotografia de família e memória: deslocamentos da arte contemporânea. **Discursos Fotográficos**, [S. l.], v. 7, n. 11, p. 137–155, 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/8262>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da arte**. Rio De Janeiro: Editora LTC, 2015.

LIMA, Daniel Francisco de. **Fotografia de família: entre objeto de recordação e material para a arte contemporânea**. Frutal-MG: Prospectiva, 2016. Disponível em: <https://www.aacademica.org/repositorio.digital.uemg.frutal/73.pdf>. Acesso em: 4 out. 2023.

PINTO, Alexandra Virgínia da Mota. **A arte da nostalgia: experiência e infância em Walter Benjamin**. Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Duque Estrada. 245 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1512365_2019_completo.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

SANT'ANNA, Mara Rubia. Álbuns de família: uma experiência pedagógica e de investigação histórica da Moda. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 17, n. 32, p. 249-282, mai. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/17096>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SONTAG, Sontag. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.